

Click to prove
you're human



Garoto de programa ssa

1 de 1
João Victor Cordeiro Barboza, conhecido como 'Kevin Muniz', foi preso por agentes da 5ªDP (Mem de Sá) — Foto: Reprodução
João Victor Cordeiro Barboza, conhecido como 'Kevin Muniz', foi preso por agentes da 5ªDP (Mem de Sá) — Foto: Reprodução
Uma das vítimas que procurou a Polícia Civil disse que perdeu mais de R\$ 20 mil. Um dos integrantes da quadrilha foi identificado como João Victor Cordeiro Barboza. Também conhecido como "Kevin Muniz" ou "Rei do Grindr", ele foi preso em casa nesta quarta-feira (12). De acordo com as investigações da 5ª DP (Mem de Sá), João Victor marcava os programas com as vítimas em hotéis da região central do Rio e da Zona Sul. À polícia, as vítimas contaram que ele sempre agia em grupo. 'Sou mafioso', teria dito garoto de programa
Um dos relatos é de um homem que confirmou ter marcado um encontro pago com um integrante da quadrilha em Copacabana por meio do aplicativo. Durante a troca de mensagens, ele foi convencido a fazer um encontro a três em um imóvel no Centro. Entre eles, segundo a vítima, estava João Victor. Após o pagamento do encontro, por Pix, o homem passou a ser ameaçado. "Sou mafioso, conheço muita gente por aqui. Você vai fazer o que eu mandar", disse João Victor, segundo relato da vítima. Polícia prende integrante de quadrilha especializada em roubar e extorquir homossexuais
A vítima contou aos policiais que, após uma série de ameaças, João Victor e o comparsa tentaram realizar transferências bancárias, mas não conseguiram por causa do horário. Eles o mantiveram dentro do apartamento até o amanhecer para que pudessem extorqui-lo. Ele perdeu R\$ 20 mil. Depois, a vítima homem contou que foi colocada em um carro que a deixou em Santa Cruz, a mais de 60 quilômetros de distância do local do encontro. O homem só conseguiu voltar para casa no fim da tarde do dia seguinte. De acordo com o delegado Uriel Alcântara, da 5ª DP (Mem de Sá), João Victor responde por roubo e extorsão, além de já ser réu em duas ações. "A vítima foi roubada após o programa realizado, e agredida e torturada. Foi colocada em um veículo e permaneceu por horas em um veículo em cárcere até que o dia ficasse claro para que fossem possíveis novas transferências bancárias", explicou. 'Tem quanto para perder?' Em outro relato, um turista contou que marcou um programa com uma mulher trans em um hotel no Centro. Lá, ela disse que, além dos R\$ 150 combinados pelo programa, ele teria que desembolsar mais dinheiro para o hotel. A vítima disse à polícia que chegou a dizer que poderiam resolver, mas foi questionado por um deles, que teria dito: "Tem quanto para perder?" O turista conta que foi agredido e ameaçado por duas horas. No fim, ele fez duas transferências: uma no valor de R\$ 1 mil, e outra de R\$ 800. Os valores foram passados para João Victor, que foi identificado por ele como um dos homens que o agrediram. Mesmo com a prisão, o delegado afirma que as investigações seguem em busca de mais dados. "As investigações continuam no sentido de identificar a participação dele e de outros integrantes em outros fatos criminosos e responsabilizá-los pelos crimes cometidos", finalizou o delegado. A TV Globo não conseguiu contato com a defesa de João Victor. O g1 entrou em contato com o Grindr, mas até a última atualização desta reportagem não teve retorno.
Fortaleza - 24 horasAldeota, Fortaleza - CE, BrasilMeireles, Fortaleza - CE, BrasilMeireles, Fortaleza - CE, BrasilRua Nunes Valente - Meireles, Fortaleza - CE, BrasilCentro, Fortaleza - CE, BrasilMeireles, Fortaleza - CE, BrasilBenfica, Fortaleza - CE, BrasilMeireles, Fortaleza - CE, BrasilMeireles, Fortaleza - CE, BrasilRua dos Solares - Cajazeiras, Fortaleza - CE, BrasilAvenida da Abolição - Meireles, Fortaleza - CE, BrasilFátima, Fortaleza - CE, BrasilParqueolândia, Fortaleza - CE, BrasilMeireles, Fortaleza - CE, BrasilMeireles, Fortaleza - Ceará, BrasilRua Gomes Brasil - Parangaba, Fortaleza - CE, BrasilRua Gomes Brasil - Parangaba, Fortaleza - CE, BrasilMontese, Fortaleza - CE, Brasil Praia de Iracema, Fortaleza - CE, Brasil Rua Rocha Lima - Centro, Fortaleza - CE, Brasil Av. Visconde do Rio Branco, 1760 - Centro, Fortaleza - CE, Brasil Benfica, Fortaleza - CE, Brasil Aldeota, Fortaleza - CE, Brasil Centro, Fortaleza - CE, Brasil Meiroles, Fortaleza - CE, Brasil Rua Juazeiro do Norte, 333 - Meireles, Fortaleza - CE, Brasil Prefeito José Walter, Fortaleza - CE, Brasil Avenida da Abolição, 4700 - Meireles, Fortaleza - CE, Brasil Meireles, Fortaleza - CE, Brasil Avenida Tristão Gonçalves - Centro, Fortaleza - CE, Brasil Av. Visconde do Rio Branco, 1760 - Centro, Fortaleza - CE, Brasil Rua Barão do Rio Branco - Centro, Fortaleza - CE, Brasil Rua Artur de Souza - Planalto Ayrton Senna, Fortaleza - CE, Brasil Avenida Godofredo Maciel - Parangaba, Fortaleza - CE, Brasil Antônio Bezerra, Fortaleza - CE, Brasil Praia de Iracema, Fortaleza - CE, Brasil Meireles, Fortaleza - CE, Brasil Lagoa Redonda, Fortaleza - CE, Brasil Avenida Beira Mar - Praia de Iracema, Fortaleza - CE, Brasil Parangaba, Fortaleza - CE, Brasil Amadeu Furtado, Fortaleza - Ceará, Brasil Avenida Antônio Sales - Joaquim Távora (Fortaleza), Fortaleza - CE, Brasil Praia de Iracema, Fortaleza - CE, Brasil Benfica, Fortaleza - CE, Brasil Rua Teofredo Goiana - Cidade dos Funcionários, Fortaleza - CE, Brasil Rua Leonel Chaves - Parangaba, Fortaleza - CE, Brasil Meireles, Fortaleza - CE, Brasil Jóquei Clube, Fortaleza - CE, Brasil Meireles, Fortaleza - CE, Brasil Meireles, Fortaleza - CE, Brasil Meireles, Fortaleza - CE, Brasil Passaré, Fortaleza - CE, Brasil Cais do Porto, Fortaleza - CE, Brasil Praia de Iracema, Fortaleza - CE, Brasil Antônio Bezerra, Fortaleza - CE, Brasil Centro, Fortaleza - CE, Brasil Parangaba, Fortaleza - CE, Brasil Luciano Cavalcante, Fortaleza - CE, Brasil Rua Teofredo Goiana - Cidade dos Funcionários, Fortaleza - CE, Brasil Av. Humberto Monte - Bela Vista, Fortaleza - CE, Brasil São João do Tauape, Fortaleza - CE, Brasil Praia de Iracema, Fortaleza - CE, Brasil Messejana, Fortaleza - CE, Brasil Rua Alves de Lima, 605 - Cristo Redentor, Fortaleza - CE, Brasil Políticas de Privacidade Este site usa cookies para que possamos oferecer a melhor experiência de usuário possível. As informações de cookies são armazenadas em seu navegador e executam funções como reconhecê-lo quando você retorna ao nosso site e ajudar nossa equipe a entender quais seções do site você considera mais interessantes e úteis. Confira nossas políticas de privacidade e entenda como funciona a atuação do nosso site para preservar sua privacidade com a máxima transparência, acessando: Cookies Obrigatórios A configuração "cookies estritamente necessários" deve estar ativada o tempo todo para que possamos salvar suas preferências de configuração de cookies. Você não pode desabilitar essa opção, mas poderá customizar as configurações de outros cookies de terceiros. Se você desativar este cookie, não poderemos salvar suas preferências. Isso significa que toda vez que você visitar este site, precisará habilitar ou desabilitar os cookies novamente. Cookies de Terceiros Este site usa o Google Analytics para coletar informações anônimas, como o número de visitantes do site e as páginas mais populares. Manter este cookie habilitado nos ajuda a melhorar nosso site. Cookies Adicionais Usamos o pixel do Facebook neste site. Manter essa configuração fará com que possamos veicular anúncios customizados de acordo com sua preferência. Um judeu ortodoxo de Higienópolis liga para um garoto de programa e ambos combinam de se encontrar em um motel da rua Bento Freitas, no centro de São Paulo. Lá, o judeu pede que o garoto de programa apenas dê chutes em seu cu. Então, ele chuta, chuta, chuta, até o judeu começar a sangrar. Já meio zonzo de ver tanto sangue anal jorrando, o garoto de programa começa a passar mal e quer parar, mas o judeu fica bravo. Ele quer mais. O Pornodocumentário de J.J. Rodrigues traz esse e outros relatos envolvendo anônimos e não tão anônimos — um dos depoimentos envolve um suposto juiz conhecido que foga para não pagar. O documentário é simples, rústico, e mostra garotos de programa contando sobre suas vidas, punhetas, famílias, clientes — câmera parada, backgrounds sem muito capricho. Um deles manda a real e diz que, no mundo do sexo, nem tudo é prazer. "Não são pessoas bonitas que procuram por garotos de programa. São pessoas zoadas, gordas." Os garotos de programa são bem resolvidos com o que escolhem? A ideia do longa surgiu da convicção do diretor com os meninos, que ele já havia filmado em outras ocasiões. J.J. Rodrigues é uruguaio, mas mora no Brasil há 45 anos. Ele conta que todos os caras que aparecem no filme são seus amigos pessoais. O documentário não está disponível na internet, mas já foi exibido em alguns festivais. A ideia é que ele se mantenha inédito para rodar em outras mostras. Para assistir, tive de buscar uma cópia na casa do J.J., com quem bati o papo que você lê a seguir. PS: Ele disse que tinha duas versões. Uma mais sussa e outra mais heavy, com cenas em que os próprios garotos que dão depoimento se masturbam e se comem. Pedii a segunda, claro. VICE: O que o levou a fazer um documentário sobre garotos de programa? J. J. Rodrigues: Sou pornógrafo e já havia trabalhado com eles. Acabamos virando amigos. Trabalho com pornografia gay há algum tempo. Sou amigo deles, desse universo de garotos de programa e atores pornô. É um grupo. Conheço esse submundo. Chamei vários amigos, muitos queriam. São perguntas que eu mesmo queria fazer. É uma coisa de amigo para amigo, uma coisa que filmei. São seres humanos lindos em todos os sentidos com ótimas histórias para contar. O diretor J. J. Rodrigues. Foto: Revista Junior Existem duas versões do filme: uma só com os depoimentos, outra com cenas de sexo entre eles. Elas já existiam ou você filmou para o documentário? Já existiam. Resolvi intercalar as cenas de sexo porque eu tinha esse material filmado em estoque. Foi captando algumas coisas que tinham a ver com as falas e inserindo. "Quando um dos garotos está na sauna, eu interajo. É minha a mão na cueca dele" Diferente dos filmes pornôs, a edição não traz nenhum deles gozando. Isso é proposital? Achei que não caberia colocar isso. Na verdade, pensei em fazer um filme mais pornográfico e colocar cenas mais quentes. Mas em todas as cenas que filmei eles gozam no final. Em uma das cenas, parece que o sujeito que está por trás da câmera tenta tirar a cueca de um dos garotos com a mão. Não vou resistir e preciso perguntar: essa mão é sua? Sim. Quando um dos garotos está na sauna, eu interajo. É minha a mão na cueca dele. Tinha a ver com a edição. Você conhece o site demetriu.nu? O personagem Demétrio é um pornógrafo que arruma umas trepadas. Eu sou ele. Então, interajo com os atores. Depois desse frame rola a tal miazozinha do diretor na cueca. O documentário parece simples. Uma câmera parada, luz, áudio e edição. Você fez tudo? Como foi o processo?Fiz tudo sozinho. Coloquei a câmera e fiz nove perguntas (as mesmas para todos). Tanto que eles falam sobre opção sexual, causas e como é atuar nessa profissão. Achei que isso dava todos os ingredientes. Eles concordaram, somos amigos. Uma coisa tão simples se tornou real. Acabou virando um longa e sou um cara que normalmente faz curtas. Os caras parecem bem felizes com a profissão que têm. Você acha que isso reflete o sentimento da maioria dos michês de São Paulo? Olha, eu conheço muitos. Não saberia dizer a porcentagem. Muitos fazem para pagar a faculdade, mandar para mãe ou por fetiche. Muitos curtem sexo e acham que podem ganhar um dinheiro até na frente das câmeras. As pessoas com quem eu trabalho são seres humanos que escolheram essa profissão, da mesma forma como eu escolhi essa profissão. Ou a profissão me escolheu. Gosto de fazer pornografia. Os garotos de programa são bem resolvidos com o que escolhem. Uns abandonam com o tempo, outros voltam. No entanto, eles têm problemas existenciais como qualquer um — não especificamente pela profissão. Eles têm atributos físicos que são explorados por eles e se aproveitam de sua natureza física. Siga a Débora Lopes no Twitter: @deboralopes Quer mais pornografia nacional? Vem cá, vem: Entrevista: Sady Baby O Brasileiro que Faturou o Oscar do Pornô "Fiz outra porralouquice" E mais garotos de programa? Tô: O Cara Com Quem Divido o Apê E Michê, e Isso Não É Nada de Mais Sugar Weasel, o Primeiro e Único Palhaço Michê Estreando Como Michê Google lietonesGalvená izelme "Gay Semiotics", Hal Fischer, 1977.Existe muita curiosidade a respeito de como é a vida daqueles e daquelas que se sustentam financeiramente a partir do sexo. Guerreiras ou preguiçosas, precarizados ou vagabundos, profissionais ou pervertidos... É assim que muitas pessoas enxergam o fenômeno da prostituição — ou trabalho sexual, termo que por vezes vem sendo apontado como mais adequado ao jargão dos movimentos sociais.O interesse pela pesquisa da qual me venho ocupando no doutorado em Antropologia Social vem da minha proximidade com o cotidiano de garotos de programa, o qual venho acompanhando há anos (e aqui). Assim, live as condições ideias para iniciar um trabalho de campo, isto é, uma pesquisa extensiva junto à rede desses rapazes envolvidos com as práticas conhecidas como "programa". A pandemia e o subsequente isolamento relacionado a ela não conseguiram interromper a pesquisa, mas condicionaram as conversas ao ambiente digital.Meu objetivo principal ao pesquisar esses garotos e seus programas é não só desconstruir uma série de preconceitos do senso comum, mas também acadêmicos. Se por um lado o senso comum diz muitas vezes de que garotos de programa são pessoas displicentes e pervertidas, ou se deixa levar pelo discurso do luxo ou da higienização dos corpos, por outro lado, dentro do espaço acadêmico, fortemente influenciado pelos estudos de gênero e sexualidade e pela atuação de movimentos sociais, muitas vezes se pressupõe uma série de outras ideias problemáticas.Uma das pressuposições que me incomoda é a de que necessariamente a atividade de realizar programas deve ser prontamente entendida como trabalho. Isso, na minha opinião, atrapalha, justamente, compreensão do processo mediante o qual uma determinada atividade torna-se profissional. Isso equivale a dizer que a "profissionalização" do programa depende não apenas da vontade de uma ou duas pessoas, mas está sim relacionada ao investimento discursivo de diversos atores e atrizes, como os movimentos sociais, dispositivos jurídicos, os próprios garotos de programa, os clientes e os processos institucionalizados relacionados ao moderno mercado do sexo informatizado.Então, por um lado, alguns movimentos sociais reivindicam que garotas e garotos de programa são trabalhadoras/es. Desse modo, alinhados a coletivos de todo o mundo, pleiteiam direitos trabalhistas e civis para essas pessoas. As vezes essas reivindicações implicam em deslocamentos e inclusões dentro de esferas institucionais, burocráticas e jurídicas, tal é o caso do cadastro concernente às/aos "profissionais do sexo" na Classificação Brasileira de Ocupações (que é uma norma que define para diversos órgãos governamentais quais são as ocupações existentes no Brasil).Os próprios websites em que alguns dos meus interlocutores de pesquisa anunciam para se engajar em programas obedecem a uma lógica de estilização da prática a partir de índices de profissionalidade (por exemplo, expondo imagem e textualmente quais são as contrapartidas do contrato, qual é o valor por hora para a experiência etc.). Alguns garotos se sentem confortáveis para praticar os programas dentro desses referenciais relacionados ao trabalho.Todavia, há um conjunto de processos que concorre com esses quando estamos falando de programas (aquilo que os garotos de programa efetivamente fazem). Isso porque frequentemente a assunção como "trabalho" supõe uma identificação muito forte com a categoria "garoto de programa", o trabalhador do sexo, que muitas vezes é vista socialmente de forma estigmatizada, inclusive, e isso pode ser notado no trabalho de campo, pelo próprios garotos.Assim, é comum que alguns dos meus informantes não atribuam centralidade aos programas em aspectos relacionados ao estilo de vida, conforto e renda. Isso porque carregam consigo referenciais culturais e morais que definem o programa sempre como uma prática que está no limiar da legalidade, daquilo que é socialmente considerado saudável e correto. Assim, alguns deles só assumem a categoria "garoto de programa" (e seus sinônimos, como "boy") nas instâncias de negociação (espaços de "pegação" e de "fazer ponto", aplicativos de encontros, websites voltados para isso, saunas de "boy" etc.).Os clientes também — algo que se nota — por vezes revestem a relação com os garotos de mulheres relacionadas ao imaginário amizade ao invés do trabalho. Seguindo o raciocínio dos garotos que me falaram sobre isso, se você fala que o garoto é seu amigo, isso talvez envolva, para o cliente, o pensamento de que ele está fazendo um agrado, mais do que propriamente contratando um profissional — diferentes regimes de (in)formalidades. Isso pode ser decisivo para o cliente no aproveitamento da situação que é o programa, já que muitos deles não gostam de admitir que estão tendo relações sexuais e afetivas com alguém em troca de dinheiro.Algo que talvez esteja em jogo aí é o fato de que quanto mais a relação engendrada pelo programa está próxima do polo-trabalho, mais ela é regida em termos de convenções atreladas ao processo de profissionalização. O jogo erótico embutido na negociação, e toda sorte de convenções relacionadas à dignidade moral, corporal e sexual são evocadas (e testadas) de forma mais ou menos explícitas em cada situação-programa, entendendo o programa como a prática de cunho marcadamente erótico e/ou afetivo e/ou sexual, cujo motor principal é a troca de dinheiro e bens, e que acontece de maneira minimamente pré-acordada por pelo menos duas pessoas.Dessa forma, independentemente do grau de concordância quanto às discussões a respeito de "trabalho sexual", é necessário como procedimento antropológico interpretar como os garotos de programa são socialmente entendidos em termos de convenções ligadas ao labor. E mais, como um garoto de programa torna-se um. Metodologicamente, eu prefiro chegar a essa compreensão a partir da atuação prática dos garotos, isto é, pelo programa. É a partir da sucessão de programas que um rapaz torna-se mais ou menos garoto, ou que um garoto torna-se mais ou menos profissional, ocasional ou amigo.O programa é também a situação em que a sexualidade é continuamente engendrada em termos de orientação e identidade sexual. Minha área de atuação na Antropologia Social é nos estudos de gênero e sexualidade em contextos urbanos já há alguns anos. Meu mestrado foi sobre "pegação", isto é, um conjunto de práticas associativas, marcadas por relações de afeto, erotismo, sexo e/ou desejo, que acontecem sobretudo entre homens — que provavelmente ainda não se conhecem — em espaços que atendem a determinados índices territoriais e de interação sexual, historicamente constituídos como tais. Meu objeto de estudo principal naquele momento foi o parque Ibirapuera (apresento de maneira brutal e impiedosa a capacidade de sobrevivência dos mesmos (considerando o padrão de vida de cada um), já que não há mecanismos legais que podem efetivamente garantir a saúde financeira dos mesmos. O isolamento social é um empecilho fatal à prática do programa.Deixo aqui, enfim, esta reflexão baseada em conversas com vários garotos de programa que vivem em São Paulo. Terei cumprido meu objetivo aqui se consegui apresentar e promover um debate sobre como as convenções de profissionalização, operada por diversos atores e engendradas por situações (sendo a mais elucidativa, para mim, a do programa), estão relacionadas à construção social do garoto como — mais ou menos — trabalhador sexual.Este texto foi gestado no âmbito da disciplina Etnografia e autoria na segunda metade de 2020, supervisionada por e Pedro Lopes no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP. Agradeço a , Raul de Paiva Santos e Lumena Cristina de Assunção Cortez pela leitura generosa. No doutorado sou orientado pela incrível professora Silvana Nascimento. Uma reviravolta nas investigações da morte do jornalista Cristiano Luiz Freitas, em Curitiba, foi revelada nesta quarta-feira (23). A Polícia Civil descobriu que o garoto de programa Jhonatan Barros Cardoso contou com a ajuda de um comparsa para cometer o crime. O segundo suspeito, identificado apenas como Alison, confessou sua participação e revelou que a dupla tentou extorquir outra vítima dias antes do assassinato. Imagens registradas por uma câmera de segurança mostram os dois chegando juntos à casa do jornalista, no bairro Jardim das Américas, no dia 4 de março, pouco antes do crime. No vídeo, Jhonatan e Alison aparecem chegando em um carro cinza às 13h48. Cerca de um minuto mais tarde, a dupla tem a entrada liberada por Cristiano, que abre o portão. As 13h49, o garoto de programa desembara do veículo e entra no imóvel. Três minutos depois, às 13h52, é a vez de Alison entrar na casa. Câmera registrou os suspeitos chegando à casa do jornalista e fugindo cerca de 11 minutos depois - Foto: Reprodução/Câmera de segurança Seis minutos após a chegada dos criminosos à casa de Cristiano, um vizinho dele surge no portão e parece analisar a movimentação dentro do local. O homem também conversa com outro vizinho e deixa o local em seguida. As 13h59, exatos 11 minutos após a chegada, a dupla deixa a casa de Cristiano e foge. Durante as investigações, a Polícia Civil descobriu que Jhonatan e Alison estavam em "busca de uma vantagem financeira" por meio de extorsão. Durante o crime, porém, Cristiano teria reagido e sido violentamente agredido pela dupla. O jornalista foi encontrado morto, amarrado e amordaçado em casa. A defesa de Jhonatan Barros, que está preso desde março, afirmou que o crime foi resultado de uma "discussão acalorada" e não de um roubo planejado. "Os dois participaram ativamente [do crime]. Conforme nós já havíamos sinalizado lá no início da investigação, foi o Jonathan que marcou um encontro com o Cristiano. Pelo o que a gente levantou, a intenção dele era extorquir o Cristiano da mesma forma como ele já vinha fazendo com outras vítimas", explicou o delegado Ivo Viana nesta quarta-feira (3), após a prisão do segundo suspeito. Para o delegado, a situação "sahu do controle" quando a dupla chegou à casa da vítima, que foi golpeada com um mata-leão após supostamente gritar e pedir por ajuda. "O Alison, que foi preso hoje, acabou confessando que foi junto até lá. Ele alega que a intenção deles não era matar o Cristiano, que eles foram lá no sentido de obter uma vantagem patrimonial e, quando o Cristiano apresentou uma resistência, precisaram agir", narrou Viana. O jornalista Cristiano Luiz Freitas, encontrado morto em casa, em Curitiba - Foto: Reprodução/Facebook Alison confessou à polícia que ele e Jhonatan planejaram o crime contra o jornalista durante cerca de dez dias. Os suspeitos se conheceram em um terreno de Umbanda, administrado pela irmã de Alison, antes de planejar o crime. Além disso, dois ou três dias antes da morte de Cristiano, Jhonatan teria marcado um encontro com outra vítima, tentando novamente extorquir ela de maneira similar ao que fez com o jornalista. "Alguns dias antes, eles já teriam ido até a casa de uma outra vítima para praticar o mesmo tipo de crime. Naquele dia, teria sido a segunda vez que ele auxiliou o Jonathan na prática desses crimes. Nós concluímos que na verdade se tratou de um crime patrimonial e a morte foi um resultado. Eles foram lá com objetivo de extorquir a vítima", explicou o delegado. 1/3 Segundo suspeito preso por envolvimento na morte do jornalista - Foto: Reprodução/Polícia Civil 2/3 Jhonatan Barros Cardoso, de 27 anos, suspeito de matar o jornalista Cristiano Luiz Freitas, de 48 anos - Foto: Reprodução/Redes Sociais. 3/3 Jhonatan Barros Cardoso, de 27 anos, suspeito de matar o jornalista Cristiano Luiz Freitas, de 48 anos - Foto: Reprodução/Redes Sociais. A Polícia Civil deve concluir o inquérito nos próximos dias e encaminhá-lo ao Ministério Público, que será responsável por decidir se apresenta a denúncia contra os suspeitos.